

# Transforma-te em quem és

Gilberto de Mello Kujawski

Para o homem comum, que sente diariamente os efeitos da crise corroendo seu orçamento, a crise é, antes de tudo, uma questão econômica. Outros, mais reflexivos, preferem identificar a crise pelas suas causas, e sustentam ser ela um fenômeno de ordem política ou moral. Sejam quais forem as causas e os efeitos da crise, o "estar em crise" constitui uma categoria existencial cuja melhor definição, a mais completa, descomplicada e despretensiosa é a seguinte: **uma realidade está em crise quando apresenta desempenho inferior às suas possibilidades**; quando não está à altura de si mesma. A fórmula se aplica universalmente, valendo tanto para a pessoa física, quanto para a pessoa jurídica, para o Estado, a Nação, a Economia, a Cultura, ou determinado ciclo histórico. O superávit das possibilidades é o que diferencia a crise da decadência. Nesta última, ao mau desempenho correspondem possibilidades quase zero. A realidade decadente é incapaz de renovar suas possibilidades, avizinhando-se ao fim do ciclo, condenada sem remédio ao desaparecimento, à liquidação e à ruína. Já a realidade em crise, na mesma medida em que, circunstancialmente, não coincide com suas possibilidades, **conta com estas para superar-se**, e por isso mesmo não está fatalmente condenada ao fracasso final. Ponha-se bem isso na cabeça: a crise exclui, por si só, a hipótese da ruína irrecuperável, da desagregação definitiva, do apocalipse. Roma esteve em crise ao longo de toda sua história ascendente; quando expulsou os reis, quando enfrentou Cartago, quando foi talada pelas revoluções, quando da morte de César. O colosso latino estremeceu muitas vezes na base, mas reabsorveu todos os choques, saindo das crises mais forte do que antes, até que o Império Romano cimbaleou de vez no Ocidente, não em consequência das invasões bárbaras, mas por ter esgotado totalmente suas possibilidades criadoras, depois de ter semeado e edificado no mundo todo, conservando vestígios grandiosos por séculos e séculos, até hoje. Na crise a possibilidade é superior à realidade visível. Na decadência, a realidade visível é superior às possibilidades.

Portanto, dizer e repetir que o Brasil está em crise não significa, de modo algum, negar sua viabilidade a curto, médio ou longo prazo; e sim, pelo contrário, significa dizer que o Brasil está em fase expansiva, de criação, de autoconstrução, com o futuro pela frente, embora, lamentavelmente, o País não esteja à altura de suas possibilidades, isto é, daquilo que tem que ser, numa só palavra, do seu destino. Para sair da crise, senhores políticos, senhores economistas, senhores tecnocratas, o Brasil não tem que fazer isso ou aquilo, aplicar esta ou aquela receita, mas tem que fazer só uma coisa: ter a coragem de assumir seu destino e solidarizar-se com ele.

A crise brasileira é de dimensão nacional. Parece óbvio. Só que devemos desconfiar sempre do óbvio. Viajando pelo interior do Estado de São Paulo, percorrendo as diversas regiões brasileiras ao sul, ao norte, ao centro-oeste, somos colhidos por uma experiência espantosa: não se vê crise, mas justamente o contrário, o despertar da riqueza, o florescimento geral, a multiplicação feliz das iniciativas, como se surpreende no centro-oeste com sua crescente pujança agropecuária. O próprio Nordeste, entre outras coisas, vem ampliando sua infra-estrutura turística, construindo novos hotéis, criando milhares de novos empregos, sobretudo na zona litorânea. Em setores isolados da economia também não há crise, com safras agrícolas batendo o recorde anos seguidos, outros segmentos industriais em franca expansão. Em outras palavras: a

crise brasileira não é nem regional, nem setorial, já que muitas regiões e alguns setores da economia apresentam saldos positivos nos indicadores. **A crise se declara é em âmbito nacional, no global, no País como um todo**. Se este não fosse mais que a soma das partes, não se falaria em crise no Brasil. Só que o todo não se limita à soma inerte das partes. O todo brasileiro, para existir efetivamente, exige a formulação de um projeto coerente de nacionalidade. Aí é que falhamos. Aí é que se insinua a crise brasileira. E falhamos na formulação de um projeto coerente de nacionalidade porque não sabemos viver **nacionalmente**. Vivemos regionalmente, vivemos corporativamente, não vivemos nacionalmente, subjugados a esse complexo maior da sociedade civil que é a Nação. O velho Oliveira Vianna, tão parcial e exagerado em tantas coisas, neste ponto tinha e tem ainda razão. O que é que se viu na última Constituinte? Vimos o Congresso assaltado de todo lado por inumeráveis bandos corporativistas, cada qual exigindo o seu, e só o seu, como piratas assanhados na partilha do butim, sem quase ninguém pensando no "nossa", no interesse coletivo nacional.

Porque não contamos com um projeto nacional coerente, porque não sabemos viver nacionalmente, ficamos abaixo das nossas possibilidades e não temos força para superar a crise histórica que atravessamos. Cumpre ao Brasil encontrar o seu destino, isto é, assumir suas possibilidades em dimensão nacional, para estar resolutamente à altura de si mesmo e superar sua crise radical. Identificar-se com seu projeto nacional não significa recair naquele nacionalismo primário e possessivo que fecha e exclui o País do livre intercâmbio com a comunidade internacional. O verdadeiro nacionalismo não é o nacionalismo possessivo, à escala do ter, e sim o nacionalismo efusivo, ao nível do ser. Da mesma forma que o indivíduo humano só descobre sua verdadeira personalidade não trancado em si mesmo, mas no comércio aberto com os outros, concorrendo com os demais, comparando-se com estes, no diálogo irrestrito com o outro, também a Nação só consolida sua identidade no entrechoque cultural, econômico, político e tecnológico com as outras nações. Encerrada ciumentamente em seus estreitos limites, ela jamais se conhecerá a si própria. Nacionalismo quer dizer potência de nacionalização, e esta não se define como hostilidade ao estrangeiro, e sim como capacidade de nacionalizar o estrangeiro, de assimilá-lo a nossa maneira. Como voltou a moda de citar Ortega y Gasset, eis o que escreveu a respeito este atualíssimo pedagogo, no ano remoto de 1916: "Um profundo conhecedor da Grécia chegava, recentemente, a assinalar como a disposição peculiar daquela cultura, a mais original, a mais intensa, a mais pessoal que já existiu, sua enorme capacidade de assimilação. E acrescenta que a Grécia só foi original, intensa e pessoal enquanto teve sensibilidade para o estrangeiro".

As vésperas de um novo ano, a nação brasileira não se deve dobrar ao derrotismo, nem se deixar vencer pelo pessimismo. Deve inteirar-se de que se demora na crise porque não chegou à altura de suas possibilidades, mas que estas são ricas e caudalosas. E tem que despertar para o supremo imperativo ético de todos os tempos, proclamado não por um filósofo, nem por um santo, mas por um poeta grego do sexto século antes de Cristo, Píndaro, o mesmo das **Odes Triunfais**, que assim resumia o ideal do herói: **transforma-te em quem és**.